

CULTIVOS RURAIS DE ARARUNA-PR: UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE CONSTRUÇÃO DIGITAL COM E PARA O PÚBLICO

Gabriel Henrique de Souza¹

Cyntia Simioni França²

Resumo: A presente pesquisa busca escutar as memórias dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna, interior do estado do Paraná, acolhendo as suas experiências vividas que, por vezes, foram apagadas da História local. Esta proposta surgiu a partir das seguintes perguntas: podem os(as) trabalhadores(as) do campo narrarem suas experiências vividas? O que eles(as) nos contam? Como seria a História de Araruna contada pelas lentes dos(as) trabalhadores(as) rurais? A construção das narrativas foi realizada a partir de rodas de conversa, que aqui foram denominadas de *cultivos*, em que o diálogo com os trabalhadores rurais foi aprofundado a partir das suas experiências. Foram realizados 8 cultivos para conhecer os saberes, os fazeres, as práticas socioculturais e as relações com a comunidade. Os trabalhadores foram estimulados em práticas de rememoração coletiva a narrar as suas experiências vividas na comunidade (BENJAMIN, 1985). Neste artigo focalizaremos nos dois últimos cultivos, no qual realizamos a construção coletiva do espaço virtual para o compartilhamento desses saberes. As narrativas colhidas foram organizadas em uma mostra cultural em um site para sua publicização. Esta pesquisa se insere na interface com o movimento da História Pública, assumindo o itinerário de uma História feita com o público pela via da autoridade compartilhada (FRISCH, 2016) e para o público (SANTHIAGO, 2018).

Palavras-chave: História Pública; História digital; Trabalhadores rurais.

RURAL CULTIVATIONS OF ARARUNA-PR: A COLLECTIVE EXPERIENCE OF DIGITAL CONSTRUCTION WITH AND FOR THE PUBLIC

Abstract: The present research aims to listen to the memories of rural workers from the city of Araruna, in the interior of the state of Paraná, embracing their lived experiences that have often been erased from local history. This proposal arose from the following questions: can rural workers narrate their lived

¹ Mestre em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Contato: gabrielhenriquedesouza21@hotmail.com.

² Doutora em Educação. Professora na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Contato: cyntiasimioni@yahoo.com.br.

experiences? What do they tell us? How would Araruna's history be told through the lenses of rural workers? The construction of the narratives was carried out through conversation circles, here referred to as cultivations, where the dialogue with the rural workers was deepened based on their experiences. Eight cultivations were conducted to learn about the knowledge, practices, sociocultural practices, and relationships with the community. The workers were encouraged in practices of collective remembrance to narrate their lived experiences in the community (Benjamin, 1985). In this article, we will focus on the last two cultivations, in which we collectively constructed a virtual space for sharing this knowledge. The collected narratives were organized into a cultural exhibition on a website for public dissemination. This research falls within the interface with the Public History movement, assuming the path of a history made with the public through shared authority (Frisch, 2016) and for the public (Santhiago, 2018).

Keywords: Public History; Digital history; Rural workers.

Introdução: como a História Pública pode contribuir na construção de espaços virtuais?

A reflexão sobre a História Pública é algo que tem crescido de forma acentuada nos debates historiográficos. Completando pouco mais de uma década, no Brasil os debates sobre o tema se intensificaram a partir do ano de 2011, quando foi desenvolvido o Curso de Introdução à História Pública, na Universidade de São Paulo (ROVAI, 2018). Desde então, a discussão sobre o trabalho do historiador no espaço público ganhou novos debates, trazendo algumas respostas, mas, principalmente, indagações para o presente e o futuro do nosso ofício. Mesmo sendo recente na realidade brasileira, os usos dos seus primeiros termos foram disseminados em meados de 1970, nos Estados Unidos. Não cabe aqui analisar onde surgiu a História Pública, quais seus objetivos e nem definir seu caráter teórico- metodológico, pois todas essas definições são amplas e possuem diversos caminhos a serem trilhados e seguidos (SANTHIAGO, 2016).

O ato de publicizar sempre esteve presente em diferentes vertentes da História, a História Pública veio ampliar as possibilidades de quem já atuava na esfera pública como historiador. O caráter da área é multidisciplinar e bebe

de muitas fontes, como a História Oral, História Cultural, Antropologia, entre tantas outras. Nesse sentido, percebemos que as reflexões trazidas pela História Pública são como uma espécie de “guarda-chuva” conceitual, utilizando-se de diversas áreas e possuindo múltiplas vertentes para reflexões (SANTHIAGO, 2016). Nos preocupamos em trazer alguns questionamentos que consideramos pertinentes, não só para debater sobre conceitos em torno da História Pública, mas também que foram de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, e consequentemente, do site que desenvolvemos.

A começar pela emergência da História Pública: por que ela está sendo tão debatida nos tempos atuais? A História, por muito tempo, foi discutida prioritariamente para, com e pelos historiadores, fechando-se em si mesma dentro das universidades e do ambiente da academia, deixando o público não acadêmico fora dos debates historiográficos. É como se os historiadores continuassem trabalhando do seu jeito “antigo e condenado” (THOMPSON, 1981, p.10). Contudo, devemos destacar que os trabalhos voltados para o campo da História Oral têm ajudado a transformar tal realidade.

Mauad destaca em suas discussões sobre a importância da história oral na publicização do conhecimento histórico, especialmente nos últimos 30 anos. Ela argumenta que a história oral abriu novas oportunidades para os historiadores, facilitando o acesso a fontes e permitindo uma maior disseminação da pesquisa histórica. Ela analisa discussões teórico-metodológicas não só transformam os meios, mas também os enfoques e perguntas dos(as) historiadores(as), promovendo uma maior participação pública na construção do conhecimento histórico (MAUAD, 2018).

Através da coleta de narrativas pessoais e comunitárias, a história oral passou a democratizar o acesso à história, permitindo que vozes antes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Mauad enfatiza que a história oral tem desempenhado um papel crucial na inclusão de diferentes comunidades

na narrativa histórica, enriquecendo a compreensão do passado com perspectivas diversas (MAUAD, 2018).

Nesse sentido, reforçamos que a partir das premissas e indagações trazidas pela História Oral, a História Pública surge no ambiente acadêmico enfrentando diversas críticas da própria academia, cujos pesquisadores diziam (e ainda dizem) que ela não possui rigor científico, crítico e acadêmico (FAGUNDES, 2017). Tais afirmações apenas reforçam uma espécie de “autoridade” que certos historiadores acreditam ter sobre o passado, desconsiderando as discussões que envolvam o público.

Primeiramente, é importante ressaltar que, antes da institucionalização da História Pública no Brasil, muitas práticas históricas assim consideradas já eram realizadas por diversas entidades e pessoas: jornalistas, memorialistas, blogueiros, entre vários outros, que estavam preocupados com a história feita fora da academia, principalmente no ambiente virtual.

Pensar e “fazer” História Pública já fazia parte do cotidiano de inúmeras pessoas, sejam intelectuais ou não. Então, o que há de novo? A novidade é que houve um desenvolvimento de um movimento, por meio do qual passasse a refletir e a debater de forma crítica sobre a área e busca-se ampliar seus diálogos com o público e em espaços públicos.

Esse movimento de reflexão e ação no Brasil se intensificou a partir da criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP) em 2012, na qual, de maneira inicial, se pensou em uma História voltada com, pelo e para o público (SANTHIAGO, 2016) bem como os inúmeros seminários, palestras, cursos e oficinas contribuíram significativamente para aprofundarmos os debates e a realização de inúmeras práticas de história pública no país. Consideramos importante destacar o impulso do debate com a criação em 2019 do primeiro mestrado no país, no qual fazemos parte. O Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), depois de cinco anos, traz inúmeras pesquisas realizadas em diferentes temas no diálogo

com a história pública e vários exercícios intelectuais de prática de história pública.

Santhiago (2016), em suas reflexões, traz quatro percepções possíveis para se pensar a História Pública: uma História feita para o público, com o público, feita pelo público e História e público. A História para o público prioriza, em um primeiro momento, a ampliação do público consumidor da história; já a História com o público busca construir e refletir com uma história colaborativa, feita em conjunto com o público, sem perder a especificidade “científica” no processo de produção das Histórias; a História feita pelo público se refere às formas não institucionalizadas de fazer História, muitas vezes são trabalhos relacionados diretamente à memória – por exemplo, páginas em redes sociais, livros, rodas de conversa feitas pelos próprios sujeitos da comunidade; e, por fim, a História e público, que estaria relacionada à reflexão crítica dos conceitos, métodos, teorias em torno da História Pública, ou seja, trabalhos relacionados à discussão teórica, com uma preocupação maior em debater criticamente sobre o tema (SANTHIAGO, 2016).

Nossa preocupação durante a pesquisa sempre foi com uma História feita com o público, pois, produzindo a partir dessas vertentes, uma História feita para o público seria apenas consequência do trabalho conjunto. Entendemos que para além de uma produção de conhecimento com o público (trabalhadores rurais) poderíamos ainda publicizar a pesquisa nas redes sociais, oferecendo ao público leitor não só conhecer, interagir e participar com suas memórias sobre a cidade de Araruna como também a produção do material para o público (site), já está sendo trabalhado em sala de aula como potencializador de outras memórias locais bem como para estimular a produção do conhecimento histórico escolar.

Vale ressaltar que produzimos conhecimento com os trabalhadores, não para e nem sobre, isso faz toda a diferença, tendo em vista que uma produção com os público muda completamente, não apenas o seu

resultado, mas todo o seu processo de construção e desenvolvimento teórico-metodológico, afinal, somos nós, enquanto pesquisadores, escrevendo com o público, mas dessa vez tendo também as mãos dos(as) trabalhadores(as) rurais presentes em todas as etapas da pesquisa, ou seja, são os protagonistas da pesquisa. Todo o processo de desenvolvimento do site “Cultivos rurais de Araruna”³ foi pensando a partir de tais reflexões sobre a História Pública.

A obra de Stefania Gallini e Serge Noiret (2011) nos ajuda a refletir sobre o campo da historiografia digital, destacando a transformação da prática histórica com a ascensão das tecnologias digitais. Gallini e Noiret discutem como a Web 2.0 proporcionou novas ferramentas e métodos para os historiadores, promovendo a colaboração e o compartilhamento de conhecimento histórico de maneira mais acessível e participativa, mas também trazendo novos desafios.

Os autores enfatizam que a História Digital permite uma maior interatividade e envolvimento do público, redefinindo a maneira como as fontes históricas são coletadas, analisados e apresentados. Este novo campo abriu novas oportunidades para os historiadores, facilitando o acesso a fontes e permitindo uma maior disseminação da pesquisa histórica.

Além disso, também é destacado que a História Digital não se limita apenas ao uso de novas tecnologias, mas também implica uma mudança paradigmática na metodologia historiográfica. A digitalização não só transforma os meios, mas também os enfoques e perguntas dos historiadores (GALLINI; NOIRET, 2011). Ou seja, a importância da História Digital, conforme discutida pelos autores, está na sua capacidade de democratizar o acesso ao conhecimento histórico, fomentar a colaboração interdisciplinar e permitir novas formas de engajamento com o passado.

Com tais reflexões em mente, buscamos, ao longo da pesquisa, dialogar com o público (trabalhadores rurais), por meio do viés da “autoridade

³ Disponível em: www.cultivsruraisdeararuna.com.br

compartilhada”, conceito elaborado por Michael Frisch e ressignificado na pesquisa. Nesse sentido, pretende-se ir além da hierarquização de saberes, e olhar para o público, não como mero consumidor, mas sim como produtor de suas próprias experiências, transcendendo a ideia de “historiador/plateia” (FRISCH, 2016, p. 60). Também não buscamos trabalhar com os sujeitos (trabalhadores rurais) como se fossem meras vítimas da sociedade (ROVAI, 2018), mas sim a partir da autoridade compartilhada, pois ela entende que “o processo de interpretação e construção de significados, é, por definição, compartilhado” (FRISCH, 2016, p. 64). Frisch também cita alegoricamente a ideia de que o espaço público digital é como uma cozinha, e nela todos podem participar e não apenas esperar pelo jantar (2016, p. 65), e é nesse sentido que construímos o site, como um lugar em que os trabalhadores da zona rural possam ter um espaço para compartilhar suas experiências vividas em sua comunidade.

Ao dialogarmos e compartilharmos saberes com os(as) trabalhadores(as) rurais de Araruna, identificamo-nos como sujeitos produtores de conhecimentos da pesquisa, buscamos ampliar a potencialidade daquelas vozes que tantas vezes foram marginalizadas e que não tiveram espaço na historiografia local oficial. Como o professor-pesquisador Inácio Jaquete afirma:

Foi uma contraposição, ou seja, uma ação contra hegemônica, que procurou contrariar a lógica de paradigma da ciência moderna, que muitas vezes entende esses sujeitos como simples fontes orais, cujo, suas narrativas são tomadas como apenas objeto de reflexão dentro dos muros acadêmicos, excluindo quase completamente os sujeitos produtores de conhecimento da sua própria História na relação com a comunidade em que vivem (JAQUETE, 2023, p. 54).

A partir das leituras de Jaquete, entendemos que os protagonistas desta pesquisa não são meros reprodutores de informações, porque foi com eles(as) que construímos o conhecimento histórico.

A acepção de autoridade compartilhada (ou “Shared Authority”), apresentado pelo historiador estadunidense Michael Frisch (2016), é uma

concepção que contribuiu para enveredar por uma pesquisa colaborativa, tecia por relações dialógicas, interativas, criativas e, sobretudo distante da ideia de hierarquização de saberes acadêmicos e saberes experienciais. Portanto, o que temos é uma necessidade de dialogar colaborativamente com diversos públicos ou sujeitos produtores de conhecimentos, sejam eles acadêmicos ou não, e em diferentes espaços para além da academia, como o próprio espaço virtual citado anteriormente.

Destacamos que essa perspectiva busca criticar uma visão cartesiana, ou seja, aquela ideia que somente historiadores possuem uma autoridade sobre a produção dos conhecimentos históricos. Ao refletir sobre a produção de conhecimento histórico com base na História oral, Frisch (2016) nos mostra que é fundamental a participação ativa de sujeitos, na qual devemos estabelecer uma relação dialógica, colaborativa e de autorias compartilhadas. Nesse sentido, se torna imprescindível o reconhecimento da alteridade de saberes, o que significa aceitar e reconhecer que tanto nós, enquanto pesquisadores, quanto os sujeitos envolvidos nas rodas de conversa, somos portadores de diferentes autoridades e, portanto, produtores de conhecimentos que devem ser conhecidos, reconhecidos e compartilhados sem nenhum tipo de hierarquização.

A autoridade compartilhada, nesse sentido, é entendida como uma possibilidade de produção de conhecimentos históricos para evitar que os sujeitos nas pesquisas se tornem meros objetos de curiosidade prontos para serem expostos e esquecidos em museus e arquivos de memória. Nesse construto, os sujeitos da pesquisa deixam de ser objetos de pesquisa ou apenas fontes de consulta que vão apenas depor as suas experiências e o pesquisador extraír informações e escrever sobre eles. Ao enveredar pelo viés da autoridade compartilhada, buscamos enfatizar a ideia de coautoria e o entrecruzamento, ou seja, onde os pesquisadores e os sujeitos envolvidos, juntos e em constante diálogo (não desprovido de tensões), produzem

conhecimentos e saberes, assim como na plantação de um cultivo⁴. Cada aspecto da pesquisa, seja o planejamento das datas dos encontros até a construção do site, foram completamente pensados por meio da autoridade compartilhada, dialogando sempre com os(as) trabalhadores(as) rurais. O ato de escuta aqui deve ser entendido como uma possibilidade de reconhecimento de autoridade dos(as) trabalhadores(as) rurais, pois a escuta sensível e atenciosa amplia a troca de experiências e facilita o reconhecimento dos saberes do “outro” e possibilita uma relação horizontal.

Um dos exemplos que podemos citar de antemão é a narração dos(as) trabalhadores(as) rurais a partir das suas próprias maneiras de falar, seja com o “R” puxado ou palavras ditas de maneira não convencional, típicas de quem mora no interior. Tudo isso foi mantido nas narrativas do site como forma de resistir até mesmo a dita “escrita formal” ou “culto”.

É da história escrita com as sementes esquecidas que construímos este trabalho, a partir das narrativas rememoradas pelos(as) trabalhadores(as) rurais de Araruna sobre a sua vida cotidiana, os seus fazer, saberes e práticas, onde tecemos histórias como um ato de resistência ao apagamento desse mundo rural que vêm sofrendo influência, muitas vezes negativas, pelo avanço da modernidade capitalista. Nesse sentido, construir os conhecimentos históricos, divulgar e ampliar os conteúdos históricos para o público não significa simplificar para facilitar o entendimento (SANTHIAGO, 2016; ROVAI, 2018), mas sim semearmos juntos para criarmos novas possibilidades de resistência em meio a tantas imposições. Convidamos, caro(a) leitor(a), a acompanhar o processo de produção do site Cultivos Rurais de Araruna.

⁴ Mas por que esse nome: cultivo? Primeiramente, porque todo o processo da realização e da elaboração das rodas de conversa foi coletivo, assim como um cultivo de uma planta. Regar, adubar, cuidar e colher, são etapas que dificilmente uma única pessoa poderia concluir com êxito. Cada detalhe foi pensado a partir da realidade dos(as) trabalhadores(as) do campo que viriam a participar das conversas, afinal, se um cultivo deixa de lado qualquer que seja sua etapa (regar, adubar, etc), ele morre e não dá frutos.

Cultivo sobre a construção e elaboração compartilhada do site

Focalizaremos neste artigo o sétimo e oitavo cultivo que explicitam o processo de desenvolvimento do espaço virtual que nos propomos a construir. Os demais cultivos foram elaborados as rodas de conversa, e podem ser vistos no próprio site, na aba “Conheça a pesquisa”⁵.

Após meses em diálogos com os(as) trabalhadores(as) rurais e suas experiências vividas, chegou o momento que analisamos atentamente todo o material que foi construído coletivamente. Escutamos e transcrevemos as rodas de conversa coletivas e pensamos: qual a melhor maneira para compartilhar saberes tão potentes no ambiente virtual?

Também tínhamos outras dúvidas que nos inquietavam: como construiremos esse site de maneira coletiva, com as mãos dos(as) trabalhadores(as) rurais que tanto colaboraram nesse processo? A partir das contribuições de Frisch sobre autoridade compartilhada, pensamos que não faria sentido nós, enquanto pesquisadores, apenas fazer a seleção daquilo que considerávamos relevante para o site e deixar as próprias famílias, detentoras desses saberes, de fora desse processo, como o mero intuito da divulgação. Nas palavras de Shope (2003, p.111), ficamos felizes em dizer que “este diálogo não tenha vindo em forma de teorização elegantemente abstraída sobre a construção da memória e o controle de narrativa, [mas] veio mais na forma de reflexões sobre a prática concreta e relacionamentos reais”.

Primeiramente, realizamos a transcrição de todas as conversas. Foi um trabalho árduo, afinal, cada roda de conversa tinha de 2 a 3 horas de gravação. Percebemos que todas as falas tinham muitas potencialidades e possibilidades de diálogo no site. Após o término das transcrições, selecionamos os trechos que se tornariam parte do site. Feita a escolha, dialogamos coletivamente antes de retornar para as famílias. Elaboramos os

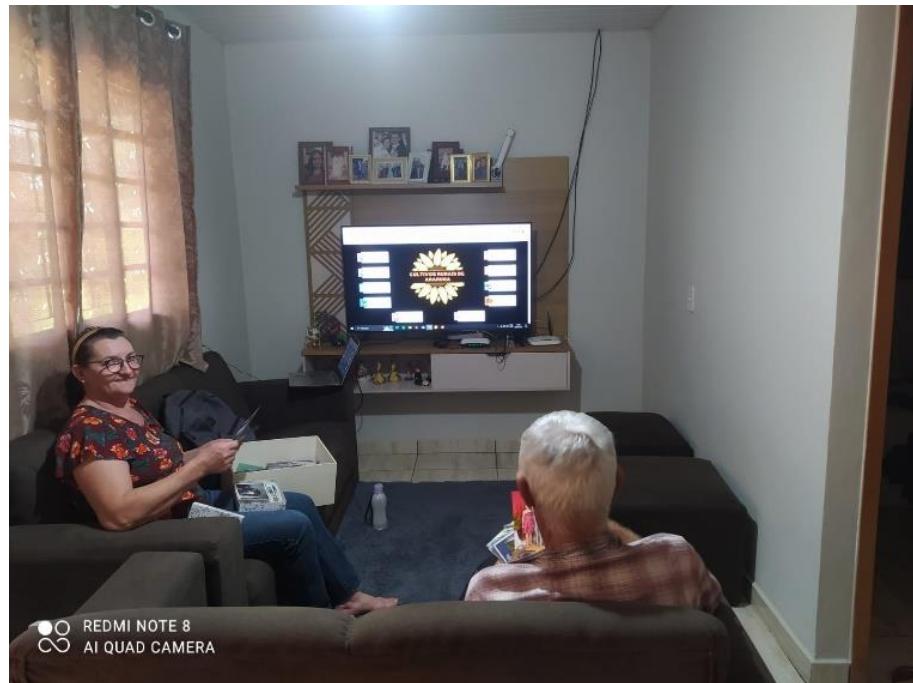
⁵ Disponível em: <https://cultivosruraisdeararuna.com.br/pesquisa/>.

textos escritos e compilamos os áudios das rodas de conversa para colocarmos no site. O processo de construção dos áudios foi feito pelo programa Audacity, por nós mesmos, a partir das sobreposições de faixa e edições com sons de natureza ao fundo.

Ao concluir o processo de transcrição e elaboração dos textos do site, retornamos para a casa das famílias dos(as) trabalhadores(as) rurais para analisarmos juntos, por meio de uma via de mão dupla (FRISCH, 2016), aquilo que seria compartilhado. A fotografia 1 e 2 compartilha alguns momentos desse processo.



Fotografia 01: Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Malaco
Fonte: Arquivo do autor (2023).



Fotografia 02: Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Nascimento Giupato
Fonte: Arquivo do autor (2023).

Durante os finais de semana, circulamos pelas propriedades rurais de todas as famílias para conversar e construir juntos o site. Foi um processo coletivo, assim como os cultivos, em que contribuições foram ouvidas,

dialogadas e acatadas na maioria das vezes. Além da elaboração dos textos, também selecionamos juntos as fotografias que ficariam no menu de cada família. Encontramos brechas na tecnologia para compartilhar, de um notebook para a tela de suas televisões, o site que estava em desenvolvimento com a finalidade de que todos(as) da família pudessem observar e opinar sobre o que seria disponibilizado no site.

Destacamos também como foi realizado o desenvolvimento deste site: toda sua programação foi feita em ReactJS⁶, evidenciando a História local contada por esses indivíduos em um espaço que eles possam continuar refletindo e compartilhando suas vivências. Para isso, um domínio foi comprado e hospedado em uma plataforma gratuita. Foram adicionados no espaço virtual as experiências dos(as) trabalhadores(as) rurais, contendo um menu para seleção do item desejado e sua exibição. Para isso, utilizamos os comentários do Facebook no site elaborado, pois ele possui um controle de moderação, assim, evitando problemas de spam e comentários desrespeitosos, e facilitando a interação daqueles interessados. Ao trabalhar com os fragmentos de memórias (BENJAMIN, 1985) e compartilhá-los no site, buscamos evidenciar suas experiências a partir daquilo que ficou latente e escondido por tanto tempo, compartilhando a realidade da cidade de Araruna mediante as experiências vividas pelos(as) trabalhadores(as) rurais. Pensamos na utilização das redes sociais para o compartilhamento de tais experiências, porém, percebemos que trariam uma hierarquização dos saberes compartilhados, na qual as primeiras publicações ficariam submersas e dificilmente seriam acessadas.

Consideramos a importância da construção do site nas palavras de Gallini e Noiret (2011, p.31), os quais afirmam que “Grupos sociais, étnicos,

⁶O React é um framework JavaScript desenvolvido pelo Facebook (agora Meta), empregado na construção de interfaces de usuário (UI) para aplicativos web. Sua popularidade decorre da facilidade de uso, alta flexibilidade, escalabilidade, sendo adotado por diversas empresas de tecnologia, tais como Facebook, Instagram e Airbnb.

políticos e culturais povoam a rede de testemunhos individuais, utilizando as tecnologias e os meios de comunicação da Web 2.0 para consolidar as suas práticas de memória.”⁷. Santhiago (2018, p.328) reforça a grande relevância que a História oral tem no espaço público, não só nele, mas também no espaço público digital. Utilizar o site como espaço para compartilhamento de memórias desses grupos se torna uma consequência de todo trabalho coletivo para as partilhas de experiências excluídas da historiografia local oficial. Shopes (2016, p. 82) ressalta também essa importância ao dizer que essas novas ferramentas digitais estão abrindo possibilidades para exploração criativa, não linear, permitindo que as pessoas desenvolvam caminhos pessoais, através delas. Em outras palavras, em vez de uma simples divulgação, o que fizemos foi um trabalho coletivo que resultou na publicização desta pesquisa.

Entendemos que “o que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho da História oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas” (PORTELLI, 2016, p.21). Ao trabalhar com a comunidade, enquanto pesquisadores preocupados com as questões sociais, culturais e políticas da comunidade, contribuímos, não para “dar vozes aos sujeitos da pesquisa”, mas sim, ampliar a visibilidade da presença dos(as) trabalhadores(as) na cidade de Araruna e ajudar na disseminação do conhecimento para além da comunidade local, podendo alcançar novos horizontes para outras comunidades rurais.

Além da questão dessas narrativas que há tanto tempo são excluídas da historiografia local, também nos preocupamos com a questão estética do site. A partir do site Canva, construímos todo o *layout* do site para que fosse simples, interativo e imersivo. O usuário realmente poderia sentir as

⁷ “Los grupos sociales, étnicos, políticos y culturales pueblan la red de testimonios individuales, utilizando las tecnologías y los medios de comunicación de la Web 2.0 para consolidar sus prácticas de memoria.”

experiências trazidas pela narrativa dos(as) trabalhadores(as) rurais, sem perder a sua essência. Para isso, além do layout simples, dos textos e das fotografias já escolhidas, também construímos áudios que trouxessem a narrativa do pesquisador junto com a dos trabalhadores, para que o site se tornasse o mais imersivo possível. No plano de fundo desses áudios, inserimos sons de fazenda (animais, rios, etc), para que a pessoa que o acessasse realmente sentisse essas experiências de estar adentrando o mundo rural. O nome, “Cultivos rurais de Araruna”, apenas reflete todos os cultivos que foram construídos juntos com as famílias.



Figura 01: Menu inicial do site Cultivos Rurais de Araruna

Fonte: Acervo do autor (2023).



Figura 02: Menu da família Souza para exemplificar como ficou o layout de cada família

Fonte: Acervo do autor (2023).

Para além dos menus que carregam as experiências das famílias dessa pesquisa e que falam sobre como ela foi desenvolvida, o sujeito que quiser também poderá compartilhar suas memórias em um espaço que, futuramente, também florescerá com outras narrativas para que moradores(as) de Araruna possam conhecer e as experienciar, na aba “Conte-nos suas memórias do mundo rural”⁸.

A realidade virtual construída no site faz parte da nossa época, desse século repleto de novas tecnologias, novos desafios, mas também, novas possibilidades. Ao construir o site não buscamos que os usuários se relacionassem apenas de maneira passiva, ou até mesmo exploratória, que limita algumas escolhas do indivíduo, mas sim, de maneira interativa, que houvesse, de fato, uma interação, por meio da qual o usuário tivesse poder de escolha na hora de adentrar e conhecer os sujeitos dessa pesquisa. Como afirma Gagnebin (2014), deve-se inventar outras formas de memória e de narração, capazes de sustentar uma relação crítica com a transmissão do passado, com o lembrar e com a construção do futuro e o esperar que traga sentidos coletivos para a comunidade.

⁸ Disponível em: <https://cultivosruraisdeararuna.com.br/memorias/>.

Apropriamo-nos da comparação feita por Frisch (2016) sobre a cozinha digital, dizendo que o processo de colaboração feito nesse espaço digital, que chamamos de site, foi para transformar aquela semente, que estava parada, sem a possibilidade de germinar (ou seja, “crua”), em uma bela planta, com a possibilidade de render frutos no futuro (ou seja, “cozida”). Processo esse graças ao trabalho colaborativo feito com as famílias, de intenso diálogo, com escolhas e possibilidades multimídias do próprio site. O retorno para as famílias poderia ser feio de inúmeras formas: livros, mostras culturais, cartilhas etc. Mas a escolha do site se deu justamente pelas inúmeras possibilidades e pelo fácil acesso daqueles que tiverem interesse em acessar e conhecer a pesquisa.

A cozinha digital, definida por Frisch (2016), aqui se torna o *cultivo digital*, também feito por várias mãos. Cultivar juntos se tornou a questão central dessa pesquisa, e o resultado do processo se torna visível na elaboração e publicação do site.

Para além do compartilhamento, que poderia ser feito na íntegra, também foi cuidadosamente elaborado para o espaço digital, toda a pesquisa foi fragmentada pelos “menus” das famílias, com as transcrições e os áudios construídos, para que a experiência de visitar o site não ficasse monótona e desinteressasse o leitor.

Ressaltamos que, desde o início da pesquisa, tínhamos um grupo de WhatsApp, para mantermos uma comunicação ativa e para falar sobre a pesquisa, e também para continuar os encontros em família, tão solicitado pelos(as) trabalhadores(as) rurais. Foi a partir das mãos dos trabalhadores, mas também de outras mãos, do grupo *Odisseia*⁹, do programador do site e seus conhecimentos sobre programação, da parceira doutora em Letras que

⁹ No grupo de estudos *Odisseia*, coordenado pela professora Cyntia Simioni França, na Unesp – Campus de Campo Mourão, estudamos o filósofo Walter Benjamin como possibilidade de trabalhar com memórias em uma perspectiva a contrapelo das tendências prevalecentes da modernidade, abarcando rationalidades e sensibilidades, bem como o entrecruzamento de memórias voluntárias e involuntárias.

revisou o site e a dissertação, todos contribuíram na construção coletiva desta pesquisa, tornando-se de fato uma produção multidisciplinar e multipluraisada, com diversas visões de diversas áreas.

Cultivo sobre o lançamento do site e sua divulgação

O último cultivo desta pesquisa foi realizado para organizarmos um lançamento do site de forma presencial, em parceria com a Casa da Cultura de Araruna e a Lei Paulo Gustavo, que ajudou nos custos de construção. O primeiro passo foi a realização de banners e convites que fizemos no Canva, os quais, posteriormente, foram enviados para uma gráfica para sua impressão. Com o material pronto, por meio da ajuda de professores, estudantes e dos(as) trabalhadores(as) rurais, divulgamos sobre o lançamento do site nas comunidades rurais, escolas e pontos movimentados da cidade.



Figura 03: Banner de divulgação do lançamento do site
Fonte: Acervo do autor (2023).



Figura 04: Convite feito para entregar pessoalmente às famílias e pessoas mais próximas
Fonte: Acervo do autor (2023).

Após ampla divulgação dos cartazes e convites pela cidade e também pelas redes sociais, chegou o tão aguardado dia escolhido para o lançamento, o qual possui um enorme significado: dia 28 de julho, Dia do Agricultor. Essa data, normalmente ignorada pelas grandes mídias, é sempre lembrada por aqueles que vivem nas comunidades rurais, para buscar uma referência e dizer: este é um dia para reconhecimento do meu trabalho.

O espaço escolhido para realização do evento foi a Casa da Cultura, que fica no centro da cidade. Pensamos em realizar nas comunidades rurais, mas devido à acessibilidade, achamos que o espaço da cidade seria melhor para que outras pessoas pudessem participar. Gostaríamos de deixar registrado que as pessoas envolvidas nesta pesquisa nos ajudaram no lançamento do site, em todas as suas etapas.

Para o evento, foram feitas camisetas para todas as famílias que participaram da pesquisa, com a temática do site. Todos(as) os(as) trabalhadores rurais subiram ao palco para compartilhar suas experiências

durante a pesquisa, falando sobre aquilo que sentiram, viveram e experienciaram ao longo das nossas rodas de conversa. Tudo foi transmitido pelos canais da Casa da Cultura e do Lehis (Laboratório de História da Unespar), pelo Facebook e Instagram.

No dia em questão, estava chovendo bastante. Mesmo assim, muitas pessoas foram presenciar: professores colegas de trabalho, estudantes, membros de outras comunidades rurais, parentes, amigos, enfim, todos prestigiando as falas das famílias no palco. Foram muitas falas emocionantes e que poderíamos trazer todas aqui, mas pela delimitação do espaço, partilhamos algumas:

Eu acho que isso (os encontros) foi uma das coisas mais importantes que aconteceu nos últimos tempos pra gente. Eu nasci na comunidade, cresci lá e não conhecia a casa da maioria das pessoas(...) Todos os encontros foram muito gratificantes! (Cláudia Giupato Bassani)

Para mim foi muito bom, a gente trabalha e trabalha e nunca somos vistos. Toda o nosso trabalho, desde o passado, fazemos com muito carinho (...). Esse reconhecimento que o projeto do Gabriel trouxe foi algo muito bom!. (Cleide Nascimento Giupato)

(...)Quando o Gabriel foi estudar História, ninguém era favor lá em casa, e hoje ele é o que está mais junto na vida da gente, todo final de semana ele volta para casa para visitar nós. (Erasmo Souza)

Além dessas falas, convidamos o leitor (a) conhecer os protagonistas da pesquisa partilhada na fotografia 3, dia do evento de lançamento do site.



Fotografia 03: Foto dos(as) trabalhadores(as) rurais reunidos(as) no evento

Fonte: Acervo do autor (2023).

Após o término do evento, saímos para uma confraternização. Esta que não seria a última, mas sim uma das várias que ainda ocorrem até os dias de hoje. A pesquisa e seus objetivos terminaram, mas longe de concluir os encontros para a vida coletiva, seguimos em rodas de conversa com os(as) trabalhadores(as) rurais. Com essas palavras, convidamos você, caro(a) leitor(a), a caminhar para as (in)conclusões deste artigo.

(In)Conclusões: quais possibilidades de trabalho com o site?

Entendemos que o site tem sua importância, mas que foi o processo de construção e elaboração do mesmo que realmente tem pleno significado. Reconhecemos que essa pesquisa não deve acabar por aqui. Ela deve caminhar e cruzar novos caminhos em diversos espaços públicos, seja nas cooperativas, em outras comunidades ao redor do Brasil, mas principalmente, nas escolas. Esperamos que no futuro, possamos elaborar espaços de formação para professores(as) para que os mesmos reinventem seu processo de ensino-aprendizagem dentro das escolas, a partir das narrativas presentes

no site. Muitas cidades do interior, não só do Paraná, possuem milhares de estudantes que ainda não reconhecem no espaço escolar uma continuidade dos seus aprendizados adquiridos no campo. Esse diálogo amplo só será possível graças as possibilidades que este espaço virtual criado nos permite.

Por fim, esperamos que a pesquisa inspirar outros(as) trabalhadores(as) rurais a compartilharem seus saberes, memórias, conhecimentos, costumes e angústias do mundo rural. Ela não termina nessa conclusão, e muito menos no site, pois a produção de conhecimento histórico pode continuar e ampliar ainda mais. Acreditamos no potencial de alcançar outras comunidades rurais, para além de Araruna, seja no Paraná, no Sul ou até mesmo em qualquer região do Brasil, afinal, as denúncias e as resistências trazidas ao longo desta pesquisa, não são exclusividades das comunidades rurais da cidade de Araruna. O espaço virtual construído nessa pesquisa pretende alcançar novos lugares e estimular pesquisadores(as) em suas escritas, a construir colaborativamente com seus sujeitos, sem hierarquização dos saberes, potencializando, assim, suas vozes a partir do ambiente virtual, tão rico e cheio de possibilidades.

Referências

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e histórica da cultura. Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1985.

FAGUNDES, B. F. L. O que é, como e por que História Pública? Algumas considerações sobre indefinições. In: *VIII Congresso Internacional de História - XXII Semana de História - UNESPAR: PR, 2017. p. 3018 - 3026. Anais (on-line)*. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3426.pdf>. Acesso em 27 ag 2021.

FRISCH, M. A História pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GAGNEBIN, J.-M. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin.* São Paulo: Editora 34, 2014.

GALLINI, S.; NOIRET, S. La historia digital en la era del Web 2.0: introducción al Dossier Historia Digital. *Historia crítica*, n. 43, p. 16-37, 2011.

JAQUETE, I. M. de J. F. Partilha de Memória e Narrativas dos mestres anciãos (â) Moçambicanos (as) na interface com as Pinturas Rupestres de Chinhampere. 2023. 181 f. Dissertação (Mestrado em História Pública) - Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual de Paraná, campus Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

MAUAD, A. M.. Usos do passado e História pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). *Historia Crítica*, v. 68, p. 27-45, 2018.

PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROVAI, M. G. de O. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MENESSES, Sônia (orgs.) *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTHIAGO, R. Duas Palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria e ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e SANTHIAGO, Ricardo. *História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, R. Pode-se falar de uma História pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *Que História pública queremos? / What public do we want?*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SHOPES, L. Commentary: Sharing Authority: Oral History and the Collaborative Process. *The Oral History Review*, Vol. 30, No. 1 (Winter - Spring, 2003). Disponível em

https://www.researchgate.net/publication/238409824_Introduction_Sharing_Authority_Oral_History_and_the_Collaborative_Process. Acesso em 06 nov de 2023.

SHOPES, L. A evolução do relacionamento entre História oral e História pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.) *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.